

Processo de paz atrasado em Angola

155

Ao chegar em Angola, hoje à noite, Fernando Henrique terá encontro com o presidente José Eduardo dos Santos, em Luanda, e amanhã viaja para a cidade de Kuito, onde está a metade dos 1,1 mil soldados brasileiros que participam da Missão de Verificação da Organização das Nações Unidas (ONU).

Em Kuito, o presidente descerá num boeing 737 da Força Aérea, num aeroporto onde a torre de controle foi destruída e o terreno em volta foi todo minado por guerrilheiros. Ali é difícil encontrar uma parede que não tenha cinquenta furos de bala. E o salário mínimo nes-

sa região equivale a R\$ 20, mas não há lojas nem supermercados onde comprar comida.

As Nações Unidas decidiram esta semana que 150 soldados brasileiros devem voltar ao Brasil até 19 de dezembro. Com a nova força de paz, que será enviada ao Zaire, o objetivo da ONU é poupar recursos com a missão angolana, que tem data prevista para terminar em fevereiro.

"Infelizmente, em Angola ainda estamos tratando de questões pendentes ao processo de paz, como a desmilitarização da Unita para torná-la um partido político e não mais um partido armado. Tudo es-

tá muito atrasado: a desmilitarização, o acantonamento das tropas e a incorporação de generais da Unita no Exército Nacional", conta o embaixador angolano, Osvaldo Van-Dunem.

Segundo dados da ONU, o processo de paz está atrasado, apesar dos 20 mil soldados da Unita que já foram incorporados ao Exército Nacional. Van-Dunem conta que os principais militares da facção guerrilheira continuam escondidos e que o próprio Jonas Savimbi, líder da organização, não aceita morar em Luanda por medo de um atentado. (CL)